

## OS CORPOS DA DIÁSPORA NEGRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**Adriana de Faria Gehres<sup>1</sup>**

*agehres@yahoo.com*

**Ronaldo dos Reis<sup>2</sup>**

*ronaldosonyc@usp.br*

**<sup>1</sup>Universidade de Pernambuco (UPE)**

**<sup>2</sup>Escola de Aplicação da Faculdade de Educação (USP)**

### RESUMO

Nosso objetivo foi produzir processos em aulas de educação física culturalmente orientadas (NEIRA, 2018), numa perspectiva não representacional de corpo (GREINER, 2010, 2008). A pesquisa-intervenção (ROMAGNOLI, 2014) foi realizada numa escola da educação básica como experiência (LARROSA, 2018). As aulas tematizaram as práticas corporais de matrizes afro-brasileiras e a experiência produziu uma língua (conversaão), temáticas em movimento (origem, diáspora negra, corpo ambiente) e ações (fotos).

### PALAVRAS-CHAVE

*Currículo Cultural; Corpo; Prática Pedagógica*

## INTRODUÇÃO

A educação física cultural caracteriza-se como um conjunto de ações implementadas por um coletivo de professores e professoras da educação básica que passou a atuar sobre suas próprias práticas, a partir de questões que se apresentavam no seu cotidiano e que se aproximavam com discussões e debates sobre teorias curriculares “pós” em educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, o Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar (GPEF). Desde 2004 o grupo se mantém em atividades variadas (reuniões quinzenais, cursos de extensão, seminários, produções em forma de relatos, livros, dissertações) que se debruçam sobre a prática pedagógica da Educação Física na educação básica, a partir dos processos de significação e poder produzidos com as práticas corporais nas intervenções cotidianas.



Neste ambiente, perspectivamos modos e fazeres da linguagem corporal no currículo culturalmente orientado na Educação Física, inspirados nas propostas que situam o corpo num fluxo de significações, trocas intensas entre corpo e ambiente, no entendimento do corpo como mídia ou corpomídia (GREINER, 2008). Este corpo não é substantivo ou representacional, ele constitui-se num constante processo de vir a ser.

Em que medida o corpo no currículo culturalmente orientado da Educação Física pode intensificar-se como corpomídia? Como acionar este corpo a partir de práticas corporais no currículo cultural?

Assim, objetivamos com esta pesquisa analisar, intervir e inventar, em outras palavras, tectonizar (DELEUZE; GUATTARI, 1996) processos em aulas de educação física culturalmente orientadas (NEIRA, 2018), numa perspectiva não representacional de corpo e práticas corporais (GREINER, 2008).

## **METODOLOGIA**

A pesquisa-intervenção se estabelece como investigação participativa e de acordo com Romagnoli (2014), no âmbito do movimento institucionalista. Apesar da existência de várias correntes teórico-metodológicas, privilegiamos a esquizoanálise considerando nosso ambiente de pesquisa e campo de circunção: currículo cultural e corpomídia.

Na esquizoanálise deleuze-guattariana declaram os autores:

Todo centro de poder tem efetivamente estes três aspectos ou estas três zonas: 1) sua zona de potência, relacionada com os segmentos de uma linha sólida dura; 2) sua zona de indiscernibilidade, relacionada com sua difusão num tecido microfísico; 3) sua zona de impotência, relacionada com os fluxos e *quanta* que ele só consegue converter, e não controlar nem determinar. [...] O estudo dos perigos em cada linha é o objeto da pragmática ou da esquizoanálise, visto que ela não se propõe a representar, interpretar nem simbolizar, mas apenas a fazer mapas e traçar linhas, marcando suas misturas tanto quanto suas distinções. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, pp. 99-100)

Na produção desta metodologia, Deleuze e Guattari (1996) seguiram estudando os perigos dessas linhas e inventando conceitos.

Neste caminho propomos uma investigação na qual a produção de uma vontade de verdade se estabeleceu no próprio processo de pesquisar. Perguntar e produzir dados, instalaram-se como agenciamentos de um sobre o outro, como o próprio encontro entre Deleuze e Guattari. Do encontro emergem os traçados e as linhas de força. Ou como afirma Ribeiro (2016):

[...] considerar aquilo que usualmente denominamos de método – seja nos domínios científicos, filosóficos ou artísticos – como um trabalho de experimentação de pensamento efeito da imanência dos encontros. Tratar-se-ia de pensar o método como acontecimento. (Ribeiro, 2016, p. 72)

Assim, nossos encontros foram entre um professor/pesquisador, uma pesquisadora e alunos e alunas de uma turma do 7º ano de uma escola de educação básica. E, para operacionalizá-los fomos buscar na palavra experiência, conforme propõe Larossa (2018), os nossos procedimentos de pesquisa. Para o autor a experiência é diferente do experimento porque é singular, única, não dogmática e vivida com paixão. Ainda com Larossa (2009), quando este aproxima-se de Nietzsche, para destacar o “como” ele diz, apresentamos três aspectos que orientaram os nossos procedimentos: a criação de textos abertos, plurais para uma formação inventiva com sujeitos des-sujeitados. Ou como propõe Larossa (2018), visamos produzir uma língua da experiência.

Nessa busca, após algumas semanas de imersão nas aulas de um professor que é membro do GPEF, percebemos que esse acontecimento-encontro-experiência existia, talvez, quando conversávamos: professor, pesquisadora, alunos e alunas, antes, durante e após as aulas. Assim, passamos a registrar em áudio e, algumas vezes, em vídeo esses nossos encontros. E do encontro com as transcrições e imagens



produzimos os nossos textos que pretendemos abertos, plurais, intensos, corporais e dessasujeitados, na intensificação do corpomídia com o currículo cultural, apresentados a seguir.

### **APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DO DIZER DO CURRÍCULO CULTURAL**

*[...] não é nem no currículo cultural, são os relatos [...] desse exercício da gente ler os relatos, como é que esses relatos são escritos, a escrita do relato, [...] Mário e o Marcos trouxeram uma ideia de fabulação, de que se conta, aquela coisa de Foucault, como é que se fabula as coisas, nessa ideia dessa fabulação [...] nessa coisa de fabulação tal, entende como é que, é, como é que o leitor acessa isso [...]*

Nesse sentido, a função fabuladora é uma função e também um estado corporal que se constitui a partir dos processos imaginativos mediados pelo organismo e pelos ambientes (redes sógnicas) por onde transita.

Ela começa com um gatilho de percepção e o que vai diferenciá-la das outras habilidades e funções corpóreas é a sua aptidão para instaurar desestabilizações nos padrões habituais. É assim que abrem novas possibilidades de ação. (GREINER, 2017, p. 74)

### **DA ORIGEM DA AULA À DIÁSPORA NEGRA**

*[...] o que eu tou vendo, nos relatos, que a essência da parada de onde parte tudo eu acho que dá a tônica do trabalho, eu acho que aquele primeiro momento ali é [...] que eu não me lembro da fundamentação, se tem alguma coisa falando assim que o momento principal, eu me lembro que tem alguma coisa do Pedro que fala assim, do mapeamento que fala que ele acontece o tempo inteiro, esse ponto de partida ... eu acho que o ponto de partida que dá a tônica do trabalho inteiro [...]*

[...] o mapeamento como porta de entrada ao universo cultural dos discentes, a fim de que possam considerá-lo no momento da definição da prática corporal a ser estudada ... as representações dos estudantes também precisam ser mapeadas. O que não deixa de ser uma boa ocasião para identificar a gestualidade e os discursos disseminados sobre a manifestação em tela e as pessoas que dela participam. (NEIRA, 2018, p.61)

*Da ideia que a gente falou de matriz, de um ponto central que dá ideia desse ponto central vai espalhar tudo [...] as atividades que a gente for pensar, então por exemplo [...] mostra o vídeo do jongo e aí mostra um vídeo de samba rock e tenta ver o que que um dialoga com o outro ou se não dialoga, como dialoga, a matriz pode ser ou é africana ou afro-brasileira ou afro-americana ou dependente da origem, e como é que essas danças se interrelacionam, partindo de rock pro funk ...*

*É, bom, percebi que [...] desde a época que a gente começou a falar até agora que fui perceber que a maioria desse tipo de dança são bem igualzinho entre si, apesar das diferenças, parece que todos eles foram criados mas vieram tipo de umaaaa coisa só, tipo assim, como se fosse umaaaa tipo assim, que nem a gente faz uma, não sei, uma árvore genealógica, mas tipo assim ... dá impressão que é uma coisa, mas tem diferentes tipos de dança que traz alguma semelhança entre outros, então dá a impressão que todos eles vieram de uma coisa só ..*

*Quando a gente fala numa matriz afro, a gente fica idealizando um negro, mas a gente também não pode pensar nisso, tem vários e a gente vai na multiplicidade das danças você vai ver vários corpos [...]*

Há uma distinção entre pensar corpo, imagem, realidade, eu e o outro como coisas substantivas ou como *processos*. Pensar processualmente implica pensar em algo enquanto está se produzindo. Autores como William James e Gilbert Simondon, em lugares e épocas distintas, afirmaram que aquilo que existe não se refere a coisas feitas, mas a coisas se fazendo – sejam estas coisas corpos, indivíduos, imagens ou ideias. As ideias são produzidas e, ao mesmo tempo, a mente é produzida através delas em um *continuum* entre corpo e ambiente. (GREINER, 2017, p. 41)



*Foi legal ver você falando com eles aquela coisa do espaço, do ambiente que muda e aí foi que me deu a ideia da diáspora, que a gente já tinha falado, mas é essa ideia do corpo ambiente, da violência, [...] é um ambiente hostil, não é hostil, como é que você chega no tempo urbano, o jongo é uma dança urbana? Eu acho mais potente essa ideia de diáspora, violência, nessa ideia que entrou também de dança e ambiente, corpo e ambiente.*

*eu pensei assim [...] é nessa coisa de desestabilizar a tranquilidade [...] trazer tipo como é que aconteceu, onde aconteceu, acontecia lá no fundo [...] porque não era tranquilo, o cara mandava recado pro outro, olha a gente vai organizar uma fuga aí seu senhor deixa eu ir pra festa [...] aí o cara mandava assim ...*

## **SOM DE ATABAQUE**

*Ô com tanto pau no mato, imbaúba é coroné, imbaúba é coroné, ôoooo com tanto pau no mato imbaúba é coroné, repete, prá avisá o outro filho da puta [...] e será que essa violência também não tá nessas danças urbanas?*

*E talvez essa questão da diáspora [...] a gente começou aqui no jazz passou nas danças, jazz, aí vocês trouxeram uma visão totalmente [...] e aí nem foi eu, eles acabaram trazendo uma ideia tipo romantizada vamo dizer assim, porque a ideia foi trazer a coisa da gangue, eles não sacaram que os caras tavam pintados, o West Side Story, não sacaram que os caras tavam pintados, com a pele mais escura, caramba o lance do Michael Jackson, no auge, não sacaram isso, eles sacaram o jazz que é o jazz da academia, o jazz de produto e trouxeram mais o break, o popping, a coisa do hip hop, que eu não sei como vai acontecer amanhã e na semana que vem, o que eles estão representando o que eles estão trazendo como jongo agora*

O nosso último encontro-acontecimento-experiência (pesquisa-intervenção) foi vivido no mesmo tempo-espaço do Mestre Jefinho do Jongo Quilombolas de Tamandaré de Guaratinguetá, um corpo ambiente diaspórico?





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa intervenção teve como objetivo “tectonizar” as práticas pedagógicas no currículo cultural em uma escola da educação básica, propondo encontros-acontecimentos-experiências com o corpomídia.

Muitas temáticas foram acionadas nesta pesquisa, mas para este artigo recortamos apenas a que nos pareceu mais central, a noção de corpo ambiente, como processo, insurgente das nossas produções conversadas sobre diáspora negra.

Não pretendemos com nossa pesquisa interpretar, modelizar ou representar as práticas vividas, mas sim movimentar temáticas e ações que se fazem aulas.

## BODIES OF THE BLACK DIASPORA IN DANCE CLASSES IN PHYSICAL EDUCATION

### ABSTRACT

Our aim was to invent processes in cultural physical education classes (NEIRA, 2018), in a non-representational perspective of body (GREINER, 2010). Research (ROMAGNOLI, 2014) was carried out in a basic education school as an experience (LARROSA, 2018). It thematized practices in black cultures and produced a language, subjects in movement and actions.

**KEYWORDS:** *Cultural Curriculum; Body; Pedagogical Practice.*

## CUERPOS DE LA DIÁSPORA NEGRA EN CLASES DE DANZA EN EDUCACIÓN FÍSICA

### RESUMEN

El objetivo fue inventar procesos en clases de educación física cultural (NEIRA, 2018), en una visión no representativa del cuerpo y danza (GREINER, 2010). El estudio (ROMAGNOLI, 2014) se ha realizado en una escuela de educación básica como experiencia (LARROSA, 2018). Tematizó prácticas en culturas negras y hay producido lenguaje, temas en movimiento y acciones.

**PALAVRAS CLAVES:** *Currículo Cultural; Cuerpo; Práctica Pedagógica.*

## REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1933: Micropolítica e segmentariedade. In.: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. (Vol. 3). Rio de Janeiro: 34, 1996.
- GREINER, C. *Fabulações do corpo japonês e seus microativismos*. São Paulo: n-1, 2017.
- \_\_\_\_\_. *O corpo: pistas para estudos interdisciplinares*. 3. Ed. São Paulo: Annablume, 2008.
- LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte : Autêntica, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche e a educação*. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- NEIRA, M. G. *Educação Física Cultural: inspiração e prática pedagógica*. São Paulo: Paco, 2018.
- RIBEIRO, C. R. O agenciamento Deleuze-Guattari: Considerações sobre método de pesquisa e formação de pesquisadores em educação. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, 2016, v. 20, n.1, p. 68-75. Disponível em: < <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2016.201.07/5232> > . Acesso em: 13 out de 2018.
- ROMAGNOLI, R. C. O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, 2014. v. 26, n.1, p. 44-52. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/06.pdf>>. Acesso em: 14 de abr. 2014.

